

Recebido: 27/11/2015

Aprovado: 19/01/2016

Los de Abajo. Mariano Azuela e o discurso histórico em torno à revolução mexicana (1910-1920).

Rafael Antonio Rodríguez*

Resumo: *O seguinte artigo faz uma análise do livro Los de Abajo, do escritor mexicano Mariano Azuela, a partir de uma perspectiva crítica ao sentido histórico que se funda com o Estado revolucionário no México em 1920. A obra gira em torno de dois personagens, Luis Cervantes e Demetrio Macias, que se unem na luta armada que se inicia com a revolução de 1910. Longe de estarem conectados homogeneamente à causa revolucionária, os dois personagens nos revelam um mundo fragmentado em interesses dissonantes e contraditórios que não se alinham em torno a um propósito comum. Pelo contrário, eles nos trazem à tona a tensão e a heterogeneidade que rondavam os próprios grupos que se reconheciam como revolucionários. Cervantes, membro das classes médias citadinas, representava o estilo de vida burguês, que se levantava contra a ditadura de Porfirio Díaz para instaurar uma nova ordem política no país. Já Macias, um pobre camponês interiorano, decide pegar em armas para se vingar das constantes humilhações que o cacique político local, Don Mónico, impunha à sua família. No entanto, antes de ceder à realidade e encarar o abismo sociocultural que separava os dois protagonistas da obra, Cervantes preferia acreditar em um sonho mítico que cultivava em seu imaginário. Macias nada mais era do que a confirmação do ideal sublime revolucionário que Cervantes perseguia. Assim, ao ignorar as características concretas e peculiares que compunham o modo de vida camponês, Cervantes nada mais fazia do que reificar a desigualdade de poder que pairava entre eles.*

Palavras-chave: *revolução; camponês; Estado-nação*

Abstract: *The following article analyses Mexican author Mariano Azuela's novel, Los de Abajo, from a perspective which is critical of the historical meaning founded by the Mexican revolutionary State in 1920. The work revolves around two characters, Luis Cervantes and Demetrio Macias, who come together in the armed struggle which starts with the 1910 revolution. Far from being homogeneously connected to the revolutionary cause, the characters reveal a fragmented world into dissonant and contradictory interests which are not aligned towards a common purpose. Quite the opposite, they exemplify the tension and heterogeneity that surrounded groups who recognized themselves as revolutionary. Cervantes, a member of the urban middle classes, represented the bourgeois lifestyle, which rose against Porfirio Diaz's dictatorship to install a new political order in the country. Macias, on the other hand, is a poor campesino (peasant) from the countryside who decides to join the armed struggle to avenge the constant humiliations that the local political overlord, Don Mónico, imposed on his family. However, instead of giving into reality and facing the socio-cultural abyss which separated the novel's two protagonists, Cervantes would rather believe in a mythical dream that he cultivated in his imagination: Macias was the very confirmation of the sublime revolutionary ideal which Cervantes sought. Thus, in ignoring the concrete and peculiar characteristics which composed the campesino lifestyle, Cervantes manifested the inequality of power which hovered between them.*

Keywords: *revolution; peasant; Nation-State*

* Mestre em História pela Universidade de Brasília. E-mail para contato: deviintoster@gmail.com

—¿Villa?...¿Obregón?...Carranza?... ¡X... Y... Z...! ¿Qué se me da a mí?... ¡Amo la Revolución como amo al volcán que irrumpe! ¡Al volcán porque es volcán; a la Revolución porque es Revolución!... Pero las piedras que quedan arriba o abajo, después del cataclismo, ¿qué me importan a mí?

Mariano Azuela. Los de Abajo.

La revolución desde abajo

Como toda irrupção na história que se reivindica nacional e revolucionária, o que se chama de revolução mexicana de 1910 aparece-nos, à primeira vista, como um movimento retilíneo, coerente e linear, que rompe, em um breve espaço de tempo, com as opressões que impediam a consumação da justiça histórica reclamada. Toda revolução, uma vez que os grupos vitoriosos passam a ocupar os novos espaços de poder, necessita legitimar-se diante do mundo e da sociedade em que está inserida para preservar-se e pôr em marcha o projeto revolucionário.

A historiografia, assim como as artes plásticas, a literatura, o cinema, a fotografia, a arquitetura, a imprensa e os aparatos midiáticos disponíveis à época, surge como um discurso que aspira organizar e imbuir de sentido e significado o sangue e a nebulosidade do período revolucionário, conferindo-lhe uma ordem e um entendimento que o dotem de unidade e coesão histórica. Dessa forma, as facções triunfantes são respaldadas como aquelas que melhor personificam o ideal revolucionário.¹

Não obstante, as revoluções são processos abertos, incongruentes, contraditórios e descontínuos. Nelas participam uma multidão de atores, ideias, projetos, demandas e interesses, os quais, na grande maioria das vezes, se chocam e resultam ser inegociáveis.

Assim foi com a revolução mexicana. Uma revolução entrecortada por inúmeros bandos amiúde isolados geográfica e ideologicamente, atendendo a interesses e projetos históricos de natureza diversa e frequentemente antagônicos (Chávez, 2002:302-349). O que talvez unisse os distintos grupos rebeldes – após o chamado oficial de Francisco I. Madero proclamando toda a população mexicana ao levantamento armado² fosse à aspiração comum

¹ “Los orientadores ideológicos del antiguo régimen, los ‘científicos’, fueron reemplazados por una nueva camada de intelectuales que asumían la tarea de construir y justificar el proyecto de la Revolución” (Batalla, 2009:162).

² Em 1910, o candidato presidencial Francisco I. Madero, impedido de concorrer às eleições daquele mesmo ano após haver sido condenado ao exílio depois de preso pelos mandatários do Porfiriato, edita, no estado de Texas (EUA), o famoso *Plan de San Luis Potosí*, no qual proclamava toda a população mexicana a pegar em armas para derrubar a ditadura porfiriana no dia 20 de novembro de 1910 (Gonzales, 1954). A expressão

de derrubar Porfirio Díaz da cadeira presidencial e o epíteto de revolucionário que passou a designar de forma genérica a todos os rebeldes.³

No entanto, como nos mostra a obra do médico e escritor Mariano Azuela, *Los de abajo* (1976), talvez nem mesmo o posicionar-se contra Porfirio Díaz no poder fosse de fato fator de comunhão. Uma vez em que vivencia o drama da revolução na intimidade do cotidiano daqueles homens que morriam e lutavam na linha de frente das batalhas – pessoas comuns, rancheiros, em sua maioria camponeses – Azuela nos brinda, através da literatura, uma perspectiva da revolução completamente distinta daquela que nos é dada pelo discurso oficial.⁴

Los de abajo é um retrato do universo mental das classes pobres mexicanas – afastadas dos aglomerados urbanos e dos centros de poder – e dos significados peculiares que estas deram ao processo revolucionário. Aqui, o termo revolução possui outro sentido, outro rosto, outra expressão. Os motivos e as preocupações que fizeram com que esses personagens se somassem às demais rebeliões e reivindicassem igualmente o qualitativo de revolucionário eram completamente distintos daqueles que se encontravam nas filas dos sindicatos, das agrupações de bairro, dos partidos políticos, dos centros urbanos, etc.

A obra traz à tona a história de um camponês pobre e humilde, Demetrio Macias, um bandido famoso na região de *Juchipila*, município localizado no sul do estado de Zacatecas, conhecido por sua destreza em armas e sua pontaria certa. Demetrio foi um desses camponeses que se lançaram na empreitada revolucionária por motivos particulares, motivos que lhe tocavam em sua intimidade. Devido às desavenças pessoais que possuía com o cacique político regional – *Don Mónico* –, seu rancho – *Limón* – fora invadido e incendiado pelas tropas federais de Victoriano Huerta; enquanto isso, sua mulher, “esta morenita de cachetitos”, era rendida por um dos oficiais que ameaçava submetê-la a um ato de violação

Porfiriato, ou porfiriano (a), refere-se aos anos em que Jose de la Cruz Porfirio Díaz exerceu, com mão de ferro, a presidência do país: uma ditadura fraudulenta que durou 30 anos (1876-1911), interrompida unicamente por seu compadre Manuel Gonzáles nos anos de 1880 a 1884

³ De acordo com o historiador estadunidense Robert E. Quirk (1953), é impossível falar do movimento revolucionário como *uno e uniforme*. Desse modo, “para integrar al carrancismo y al zapatismo dentro de una misma Revolución habría que considerar a ésta como simple oposición al régimen porfirista”.

⁴ Mariano Azuela se destacou na literatura mexicana como um grande romancista da Revolução mexicana. Depois da queda de Madero pelas tropas de Victoriano Huerta, Azuela se incorpora às forças revolucionárias de Julián Medina na condição de médico militar e se soma aos fronts de batalha nos estados de Jalisco e Zacatecas para colaborar na luta contra as novas forças porfiristas que haviam retomado o poder. Quando o exército de Venustiano Carranza derrota Pancho Villa e Emiliano Zapata, Azuela se exila em *El Paso*, Texas, e escreve *Los de Abajo*, publicando-o primeiramente em fascículos (1915), através do jornal *El Paso del Norte*, e logo na forma de livro a partir de 1916, quando, então, retorna ao México. http://es.wikipedia.org/wiki/Mariano_Azuela. Consultado no dia 30/08/2015 às 16:00 horas.

sexual. Demetrio Macias e sua esposa conseguem fugir, deixando a casa que ardia em chamas para trás. Em resposta ao incidente, o protagonista da obra reúne seu antigo bando de amigos pistoleiros e decide vingar-se, declarando guerra a todos aqueles que lutavam nas tropas oficiais contrarrevolucionárias.⁵

No decorrer de suas aventuras, Demetrio se defronta com uma personalidade que vinha de um mundo completamente estranho ao seu. Trata-se do médico e jornalista Luis Cervantes, personagem que ao princípio lutava nas tropas federais, mas que, no decorrer da revolução, rebelou-se contra elas e juntou-se às tropas rebeldes. A recente experiência da guerra havia provocado em Cervantes uma reviravolta em sua consciência. Havia entre os combatentes do exército de Victoriano Huerta uma falta de adesão ideológica; os soldados eram obrigados a engrossar uma tropa mal remunerada e que lutava para assegurar as mordomias e privilégios restritos a uma pequena classe de oficiais. Os militares de baixa patente estavam descontentes com seus comandantes e não possuíam nenhuma perspectiva de melhoria social no pós-revolução. Muitos ameaçavam desertar na primeira oportunidade que tivessem e se juntar àqueles que lutavam por um verdadeiro ideal de justiça e transformação.

Luis Cervantes, comovido com os relatos dos oficiais de baixo-escalão, decide tomar a mesma decisão. Era certo o que lhe diziam: os militares eram o verdugo do povo, eles viviam às custas do suor e do sofrimento dos milhões de trabalhadores mexicanos excluídos das regalias do poder. Ele já não podia mais suportar a violência cometida contra aqueles humildes camponeses que lutavam cotidianamente para sobreviver à fome e à miséria que assolavam o país. Crescia em Cervantes, assim, um sentimento de simpatia e solidariedade com as massas paupérrimas que perambulavam atónitas pelos diferentes rincões do território nacional.

Luis Cervantes cambia de chaqueta desde luego, aunque sólo in mente por el instante. Los dolores y las miserias de los desheredados alcanzan a conmoverlo; su causa es la causa sublime del pueblo subyugado que clama justicia, sólo justicia. Intima con el humilde soldado y, ¡que más!, una acémila muerta de fatiga en una tormentosa jornada le hace derramar lágrimas de compasión (Azuela, 1976:23).

⁵ No México de então, o código jurídico e legislativo estatal não penetravam nas regiões interioranas do país. De tal modo, esse vazio de poder era ocupado pela figura do caudilho e do cacique militar, que conseguiam mobilizar uma extensa e complexa rede de poder devido a seu poderio político-econômico local. Por isso era comum que muitas pessoas, participantes dessas redes de poder, possuísem algum tipo de armamento em casa, em caso de ter que realizar algum acerto de contas ou ter de cumprir alguma ordem advinda de seu caudilho (Chávez, 2002).

O médico jornalista passou a ver no outro, o até então inimigo revolucionário, uma possibilidade de redenção. De vilões e oponentes, os camponeses se transformavam, agora, nos depositários fiéis dos “sagrados derechos del pueblo”, os que restituíam a glória e o engrandecimento da nação. Fazer a guerra ao lado daqueles que morriam por um ideal nobre de emancipação social significava encontrar um sentido sublime em meio aos horrores provocados pela contenda revolucionária. Cervantes não lutaria mais porque obedecia a ordens que lhe viam de acima; a partir de então, ele seria parte de um movimento mais profundo que iria derrocar a tirania e restabelecer a justiça histórica pela qual pugnava o país.

Ao primeiro embate com os rebeldes, Cervantes fugiu e procurou abrigo; escondeu-se detrás de uma rocha que encontrou ao longo do caminho e adormeceu. Para sua infelicidade, o coronel de sua guarnição topou-se com ele na manhã seguinte e o despertou com duros golpes de pontapés. Seus superiores, entretanto, decidiram por não fuzilá-lo; como punição, Cervantes, sob chutes e bofetadas, foi expulso dos fronts de batalha e encarregado como ajudante de cozinha. Felizmente, durante outro combate, o médico fugitivo foi bem-sucedido em sua missão: conseguiu escapar e caminhou três dias em busca dos insurgentes. Foi quando, capturado por Pancrácio, um dos soldados de Demetrio Macias, caiu prisioneiro pelos revolucionários. Na complicada situação de ter que explicar suas verdadeiras intenções e identidade, já que portava uniforme das tropas federais e era ex-combatente das mesmas, Cervantes jurou ser revolucionário e defender, portanto, a mesma causa do bando que lhe tinha como prisioneiro.

- Por eso, pues, ¿quién jijos de un... es usted? – interrogó Demetrio.
- Me llamo Luis Cervantes, soy estudiante de Medicina y periodista. Por haber dicho algo a favor de los revolucionarios, me persiguieron, me atraparon y fui a dar a un cuartel...
- La relación que de su ventura siguió detallando en torno declamatorio causó gran hilaridad a Pancrácio y al Manteca.
- Yo he procurado hacerme entender, convencerlos de que soy un verdadero correligionario...
- ¿Corre... qué? – inquirió Demetrio, tendiendo una oreja.
- Correligionario, mi jefe..., es decir, que persigo la misma causa que ustedes defienden.
- Demetrio sonrió:
- ¿Pos cuál causa defendemos nosotros?...
- Luis Cervantes, desconcertado, no encontró qué contestar (Azuela, 1976:21).

Cervantes surpreendeu-se e, a princípio, sentiu-se bastante frustrado. Aqueles homens que estavam à sua frente não correspondiam àquela imagem que possuía do movimento

revolucionário. Pensava Cervantes que os famosos grupos armados que assaltavam os ricos latifúndios e tomavam posse de vários municípios no interior do país estavam todos sintonizados, homogeneamente, com o ideal revolucionário de transformação da velha ordem política porfiriana. Os preconceitos entre o universo urbano e burguês e aquele relacionado ao mundo camponês e rural impunham-se como barreira de entendimento mútuo entre os dois homens que Luis Cervantes, erroneamente, acreditava estarem conectados por uma causa em comum.

¿En dónde están esos hombres admirablemente armados y montados, que reciben sus haberes en puros pesos duros de los que Villa está acuñando en Chihuahua? !Bah! Una veintena de encuerados y piojosos, habiendo quien cabalgara en una yegua decrepita, matadura de la cruz a la cola. ¿Sería verdad lo que la prensa del gobierno y él mismo habían asegurado, que los llamados revolucionarios no eran sino bandidos agrupados ahora con un magnífico pretexto para saciar su sede de oro y de sangre? ¿Sería, pues, todo mentira lo que de ellos contaban los simpatizadores de la revolución? (Azuela, 1976:29).

Cervantes se encontrava desconcertado. Não podia haver uma distância maior entre o revolucionário ideal, aqueles homens imponentes que desfilavam ao lado do indestrutível exército de Pancho Villa – a famosa *División del Norte* – e aqueles homens decrepitos que lhe fizeram prisioneiro. Haveria ele sido enganado? Cervantes, pouco a pouco, vai deixando-se tomar por um pessimismo cultural que reintroduz a desconfiança, o medo e o pavor acerca dos bandos revolucionários. Uma vez confrontado com o camponês de carne e osso, o sonho de guerrear pela santa causa da revolução foi por água abaixo. O outro, agora, era visto não mais como um camarada revolucionário, mas sim como uma ameaça; uma ameaça aos princípios que regulavam e ordenavam o estilo de vida cidadão, burguês. Ainda que não o quisesse, Cervantes passava a retroalimentar os velhos estigmas e preconceitos atribuídos ao mundo camponês: “Una veintena de encuerados y piojosos, habiendo quien cabalgara en una yegua decrepita, matadura de la cruz a la cola”.

A presença chocante dos homens de Demetrio era ainda mais gritante devido ao fato de que Cervantes foi tido como um prisioneiro, isto é, um inimigo. Mesmo após o estudante de medicina haver explicado que era um desertor das tropas federais, e que havia decidido juntar-se ao exército revolucionário, “a los de allá del otro lado”, para fazer justiça à secular opressão em que os pobres estavam submetidos, sua voz parecia não surtir o efeito desejado. Seu discurso era como um monólogo; o público a quem se dirigia não compartilhava o

mesmo léxico, as palavras emitidas pelo locutor eram inanes e vazias. Era como se eles fossem parte de uma outra estirpe de homens: possuíam outra língua, outra cultura, outra razão de ser; pertenciam a um mundo desprovido de sentido e significação.

Por um momento, Cervantes, desesperado, sem saber ao certo qual seria o seu fim, rende-se aos bandoleiros e coloca seu destino em suas mãos. Ele se convence, nesse instante, de que havia se equivocado a respeito dos propósitos que moviam a contenda armada e resolve abandonar aqueles nobres ideais que, um dia, haviam santificado a causa da revolução.

- Hagan de mí lo que quieran... Seguramente que me equivoqué con ustedes... Hubo un prolongado silencio. Después:
- Creí que ustedes aceptarían con gusto al que viene a ofrecerles ayuda, pobre ayuda la mía, pero que sólo a ustedes mismos beneficia... ¿Yo qué me gano con que la revolución triunfe o no? Poco a poco iba animándose, y la languidez de su mirada desaparecía por instantes.
- La revolución beneficia al pobre, al ignorante, al que toda su vida ha sido esclavo, a los infelices que ni siquiera saben que si lo son es porque el rico convierte en oro las lágrimas, el sudor y la sangre de los pobres... – Yo he querido pelear por la causa santa de los desventurados... Pero ustedes no me entienden..., ustedes me rechazan... ¡Hagan conmigo, pues, lo que gusten! (Azueta, 1976:27).

Apesar dos pedidos de Pancrácio e Anastasio para que o fuzilassem de vez, Demetrio opta por não fazê-lo. Observando o intruso minuciosamente, ele decide esperar, o tempo se encargaria de revelar a verdadeira identidade daquele personagem exótico; Demetrio, então, estaria apto para tomar as decisões mais prudentes. Foi assim que Cervantes ganhou a confiança do grupo. Com o passar dos dias e com a convivência, os rebeldes se convencem de que sua história é verídica e o intelectual cidadão, por fim, é aceito como um combatente aliado.

Uma vez reconhecido como revolucionário por seus novos pares, a euforia e o entusiasmo que caracterizaram o médico jornalista outrora voltavam à tona com toda força e esplendor; afinal de contas, o problema ocorrido com os revolucionários não passava de um pequeno mal-entendido. Não por isso, Luis Cervantes, apelidado de *curro* pelos insurgentes por sua pele branca e seu cabelo loiro, perdeu seu espírito de soberba e arrogância em relação aos camponeses. As impressões negativas que marcaram seu primeiro contato com o grupo bandoleiro, o tempo do cativo, não lhe escapavam da memória. Os homens à sua volta continuavam sendo ignorantes e analfabetos que precisavam de alguém que os instruisse politicamente. Em verdade, existia, entre os pares, um verdadeiro abismo.

A relação que se trava entre Cervantes e os demais membros do grupo de Demetrio Macias é pautada por uma assimetria, uma desigualdade de poder. Como muito bem descrito por Franz Fanon em “Os condenados da terra” (1975), referindo-se às lutas de independência dos países africanos no século XX, existia entre o homem do campo e o proletariado urbano, “a camada do povo mais mimada pelo regime colonial” (Fanon, 1975:90), uma relação de opressão. Se trata de grupos que ocupam distintas posições de prestígio e poder, dentro da sociedade como um todo e dentro dos próprios grupos subalternos, que não possuem uma solidariedade orgânica entre si. Pelo contrário, há entre eles uma disputa incessante pelas migalhas do poder, resultantes das sequelas deixadas pelo perverso esquema de dominação do continente africano no período neocolonial (séculos XIX-XX).

Dessa forma, Luis Cervantes, médico, militar e jornalista, representa a supremacia do mundo urbano sobre o mundo rural. Cabe a ele inculcar nesses camponeses pobres e desgraçados a ideologia sublime e redentora da revolução. Mal sabe que também faz parte de um novo arranjo de poder em que mudaram-se apenas os senhores e os vassalos. Para o escritor e psiquiatra martinicano (1975), que vivenciou na pele o drama psicológico da revolução argelina, o intelectual urbano, assim como o proletariado, sentia, no fundo, uma grande desconfiança acerca das massas que compunham o meio rural. Os camponeses estariam atolados em um mar de inércia e infecundidade, inaptos para abraçar o progresso e a modernidade do mundo ocidental. Eles eram o retrato fiel de tudo aquilo que havia de mais atrasado e obsoleto nas sociedades coloniais, o que precisava, por isso mesmo, ser modificado rapidamente pela apropriada intervenção do intelectual cidadão.

Com o México não seria muito diferente. Assim como os países africanos haviam instalado no poder uma nova elite colonialista, de caráter local, o México revolucionário iria edificar a ascensão de uma nova elite nacional, igualmente colonial. O poder metropolitano não se localizava mais em alguma longínqua potência europeia. Ele se erguia e se encarnava, agora, tanto na África como na América Latina, na figura do próprio Estado nacional. Desse modo, a antiga relação colonial entre Metrópole e Colônia deslocava-se, nesse momento, para um novo eixo de gravitação: o campo e a cidade, a periferia e o centro.

Não podia ser mais evidente a relação ambígua entre meio urbano e meio rural, representada aqui nos personagens de Luis Cervantes e Demetrio Macias. Cervantes simbolizava o discernimento da razão, Macias, por sua vez, guiado pela vingança e pela cólera revolucionária, representava a ferocidade necessária para destituir do poder aqueles que encarnavam o velho regime, a injustiça e a tirania. Cervantes era o cérebro que precisava

conduzir um corpo dócil e feroz, o de Demetrio Macias, para pôr em marcha o projeto nobre e santificado da revolução.

Em função disso, Cervantes não pode deixar de manter distância com os hábitos brutos e deselegantes daquela tropa maltrapilha e desenfiada. Em muitas ocasiões, apesar de respeitar as decisões de Demetrio Macias e respaldá-lo como um grande líder, Cervantes faz reproches às suas atitudes e aos modos como conduz o resto do grupo. Quando o líder bandoleiro decide atacar, subitamente, as tropas federais, Cervantes lhe questiona se não seria mais sensato realizar, antes, um mapeamento da posição do inimigo e elaborar, assim, uma ação militar estratégica. Quando Demetrio invade e saqueia as propriedades dos fazendeiros, Cervantes se horroriza com a forma bruta e insaciável com que seus homens se portam e lhe faz um alerta: “—Mi general, vea usted qué diabluras han hecho los muchachos (...) mire usted, eso nos desprestigia, y lo que es peor, desprestigia nuestra causa.” (Azuela, 1976:79-80)

Apesar dos reproches de Cervantes à autoridade de Demetrio Macias, este segue em frente sem lhe fazer muito caso, afinal, a desconfiança entre eles não se desfez completamente. Da mesma forma que Cervantes estranha o comportamento dos homens de Demetrio, este último também estranha as atitudes do médico jornalista. Paira entre ambos uma desconfiança recíproca. Havia uma resistência mútua em se compreender as causas e os motivos que os levaram ao front de batalha.

Demetrio não entendia o porquê de homens cultos e educados como Luis Cervantes quererem sujar-se de sangue em uma guerra hedionda e interminável. Por que Cervantes participaria em uma guerra na qual ele próprio havia dito que não sacaria nenhum benefício pessoal? Antes de dar continuidade às andanças pelo interior do país e avançar sobre o estado de Zacatecas, Demetrio interroga Cervantes: “—¿ de veras quiere irse con nosotros, curro? Usté es de otra madera, y la verdad, no entiendo cómo pueda gustarle esta vida. ¿Qué cree que uno anda aquí por su puro gusto?” (Azuela, 1976:41).

Ao longo da história, ao unir-se com as tropas do líder revolucionário Netera, Cervantes conheceu outro personagem que possuía uma história bastante similar à sua. Antonio Solís, como muitos outros que aparecem ao longo da história, era também um desertor das tropas federais pertencente às altas classes urbanas. A perspectiva de Solís, entretanto, era muito diferente daquela de Cervantes. Solís estava desiludido com a guerra revolucionária. Imaginava encontrar uma pradaria e havia se deparado com um pântano. Não lhe sobrava mais nada a não ser um crescente pessimismo que lhe consumia a alma. De resto, tudo se havia esfumado diante do decorrer do conflito armado. Haveria, então, apenas duas

opções para os revolucionários: ou se convertiam em bandidos sanguinários, como era para ele os camponeses aliados à revolução, ou desertavam e desapareciam de cena, algo que, segundo Solís, era mais digno do que entregar-se à cobiça desenfreada iniciada com a guerra.

Por uma grande ironia do destino, Luis Cervantes, além do nome que compartilha com o criador da grande obra de Dom Quixote de la Mancha, Miguel de Cervantes, possui um comportamento muito afeito ao protagonista do romance espanhol. Apesar das frustrações e dos contínuos estranhamentos que Luis Cervantes sente em relação a Demetrio Macias, eles são provisórios e de pouca durabilidade. Os estranhamentos ocorrem em um breve lapso de tempo, depois da euforia do impacto, eles se acomodam em uma estrutura engessada que legitima os princípios que orientam a consciência mítica de Cervantes.

Antes do que entregar-se à realidade, Luis Cervantes, assim como Dom Quixote, nutre-se de um ideal fictício que ele cultivava em seu imaginário. O desenrolar da história, antes de constituir-se em um tempo inusitado que produz alteridade, está significado previamente de acordo com categorias estanques e congeladas que alicerçam e moldam o olhar de Cervantes para com o mundo que lhe rodeia. Sua consciência é anterior à experiência. Personagens como Demetrio Macías e Antonio Solís tentam alfinetá-lo para fazer com que acorde desse sonho letárgico e veja de modo claro a crua realidade que se põe diante de seus olhos. Cervantes, no entanto, se nega a fazê-lo: a realidade é menos um lugar enigmático, repleto de novidades e contradições, do que uma construção imaginária, estável e inabalável, forjada pelos ideais revolucionários que compartilha com seus pares cidadãos.

Quando suas convicções eram postas em xeque e sua consciência parecia ceder aos ditames intempestivos da realidade, era esta quem cedia para ajustar-se às premissas daquela, e não o contrário. Os maus entendidos de Luis Cervantes eram como o enfeitiçamento da realidade provocado pelos encantadores do romance cervantino: eram estes quem modificavam a forma do real para parecer que Dom Quixote se equivocava ao confundir moinhos de vento com gigantes monstruosos; sempre e quando ameaçava deturpar a ordem natural das coisas, a realidade era corrigida e suplantada pelos ditames fictícios da consciência.

Mesmo após as frustrações e decepções que Luis Cervantes encontra em seu caminho, ele segue adiante com aquela mesma animosidade que fez com que se lançasse inicialmente à luta revolucionária. É este otimismo inicial, a princípio inquebrantável, que marca a trajetória do personagem no decorrer da história de Azuela. É preciso esperar pelo final da novela para ver os devaneios de Cervantes se desfazerem por completo. É somente aí, já próximo ao

cessar fogo da contenda armada, que a realidade irrompe com uma força arrebatadora, reduzindo seu sonho quimérico a migalhas. Enquanto a história não chega a seu desenlace final, entretanto, a utopia revolucionária do personagem se recompõe a cada tropeço e desvio.

Dessa maneira, os homens de Demetrio Macias e o próprio líder revolucionário eram compreendidos a partir das categorias pré-estabelecidas que Cervantes havia forjado anteriormente, antes mesmo de travar contato físico com o bando insurgente. Os camponeses revolucionários possuíam, assim, um significado dado de antemão pela história. Estes seres miseráveis que habitavam o mais recôndito da pátria, apesar de ignorantes e analfabetos, cumpriam com uma função santificada. Demetrio Macias, ainda que não tivesse consciência de seu lugar na revolução, estava à frente de uma missão monumental, muito além daquela guerra suja e sanguinária pela qual acreditava lutar. Era aí também onde entrava em cena o papel indispensável que Luis Cervantes atribuía a si mesmo: iluminar essas consciências errantes e capacitá-las para o cumprimento do grande desígnio revolucionário:

–Mi jefe – continuó Cervantes – (...) Usted no comprende todavía su verdadera, su alta y nobilísima misión. Usted, hombre honesto y sin ambiciones, no quiere ver el importantísimo papel que le toca en esta revolución. Mentira que usted ande por aquí por don Mónico, el cacique; usted se ha levantado contra el caciquismo que asola toda la nación. Somos elementos de un gran movimiento social que tiene que concluir por el engrandecimiento de nuestra patria. Somos instrumentos del destino para la reivindicación de los sagrados derechos del pueblo. No peleamos por derrocar a un asesino miserable, sino contra la tiranía misma. Eso es lo que se llama luchar por principios, tener ideales. Por ellos luchan Villa, Natera, Carranza; por ellos estamos luchando nosotros (Azuela, 1976:44-45).

No entanto, homens como Demetrio Macias não estavam tão bem familiarizados com os eventos que sucediam em seu país, nem com as propostas ideológicas que apareciam como alternativas às práticas políticas oficiais. A realidade material lhes falava mais alto e esses homens lutavam cotidianamente pela mera possibilidade de sobreviver. Haviam ingressado na revolução para defender a dignidade de suas famílias e de suas respectivas comunidades; para responder às constantes humilhações e privações que sofriam por parte dos caciques e latifundiários locais, já que não participavam dos seus círculos de poder. Obviamente, também ambicionavam ascender socialmente, obter prestígio político, recuperar e aumentar o território de suas terras, etc.

Através de sua obra literária, Mariano Azuela nos mostra que os interesses na revolução, ainda que restritos aos grupos revolucionários, não eram apenas um, mas vários.

Não por isso as causas pelas quais defendiam personagens como o protagonista do romance de Azuela eram menores ou não revolucionárias; elas apenas possuíam outra lógica e dinâmica que eram próprias às especificidades do universo provinciano e rural, com suas populações pobres, famintas, quase sempre analfabetas e que, não obstante, compunham a maior parte da população mexicana.

Desse modo, para muitos destes rebeldes provincianos pouco lhes importavam as figuras políticas que se alternavam no poder. Se Díaz continuaria no mando da presidência ou se esta fosse assumida por algum outro adversário político, não lhes faria muita diferença. Suas motivações, no que diz respeito ao conflito armado, estavam muito mais envoltas nas configurações das redes de poder no âmbito do local e do emergencial. Zapata, Villa, Carranza ou Obregón, nenhum deles importava de fato.

Interessavam-lhes muito mais os benefícios regionais, pessoais e imediatos que a revolução lhes podia oferecer do que o conteúdo das distintas teorias políticas e sociais que almejavam refundar o Estado e a nação mexicana. Por isso seu protagonismo em armas: a experiência secular de miséria e opressão lhes deixava bem claro que não seria a confabulação teórica de nenhum grupo político, alheio às particularidades de suas realidades, que alteraria o quadro de fome e miséria ao qual estavam submetidos.

Uma revolução fabricada

Uma vez a revolução feita governo – a partir do triunfo da facção sonorenses de Álvaro Obregón e com a eleição deste à presidência da República em 1921 –, a particularidade do universo agrário de Azuela era suprimida, assim como as das várias outras facções rebeldes que disputaram, e perderam, o poder no curso da revolução. Em seu lugar aparecia um discurso mítico e unificador que, dentro daquela mesma perspectiva cunhada já por Porfirio Díaz, extirpava a heterogeneidade dos conflitos (guerras) que levaram ambos grupos à presidência do país (Díaz e Obregón). Com este último no poder, a pesada mão do caudilho, representada na figura do Estado, novamente se fazia necessária para apaziguar os ânimos e a turbulência do período em armas.

Ganhava forma, assim, uma nova ordem político-social. Era preciso que se desse um fim à instabilidade política do período armado e que se silenciasse a multidão de vozes dissonantes que punham em xeque a paz social e a soberania do novo regime. Nesse sentido, os grupos políticos triunfantes, respaldados pelos intelectuais que se punham a serviço da

“causa revolucionária”, reinscreviam a história do país de modo a dar-lhes prestígio e legitimidade histórica. Assim, nenhum outro grupo poderia encarnar melhor a “meta” estabelecida pela revolução. As facções de Sonora se representavam como a única via possível para se levar a cabo a “totalidade” e a “essência” do programa revolucionário: instaurar uma nova era política que sinalizasse uma ruptura com a tirania do período predecessor e que, ao mesmo tempo, congregasse em torno de si as aspirações de toda a coletividade mexicana.

Como nos diz Florescano (2002:39):

La ideología de la Revolución mexicana se empeñó en unir las contradictorias corrientes políticas que hicieron explosión en 1910 en un solo caudal, en el que se mezclaron tradiciones divergentes. A esta revuelta ideológica se le agregó un panteón de héroes integrado por figuras de la Revolución que en vida habían sido enemigos mortales. Esta mezcla de ideas, tradiciones, postulados y personajes devino el instrumento que unificó a la “familia revolucionaria”, y más tarde, al convertirse en la ideología oficial de los gobiernos surgidos de ese movimiento, fue el cimiento sobre el que se levantó la política de unidad e identidad nacionales.

Desse modo, o outro, apesar de negado em suas verdadeiras aspirações políticas e identitárias, era aqui convidado a participar da nova história pátria. Isto é, para que o Estado nascido da revolução se legitimasse concretamente aos olhos atônitos da sociedade mexicana como aquele que seria a culminação de todo o processo revolucionário, os grupos derrotados deviam de alguma maneira estar presentes na configuração da nova ordem nacional.

Não se podia ignorar a proeminência de líderes populares como, por exemplo, Emiliano Zapata e Pancho Villa, que haviam despertado tanto entusiasmo e carisma nas camadas menos favorecidas da população.⁶ O sucesso da revolução também dizia respeito à comoção que esses líderes haviam despertado; virar as costas para eles seria como continuar em pé de guerra com vastos setores da sociedade mexicana. Uma vez derrotado, o outro passava a ser fundamental na fabricação do novo pacto nacional.

Também não devemos nos esquecer de que o processo armado provocou uma parcial reacomodação da estrutura social no país; a partir, principalmente, do sucesso desempenhado nas batalhas em armas, parte das camadas populares, até então excluídas do poder e jogo

⁶ Há que se recordar que, para as classes médias e altas, tanto do campo como da cidade, Zapata era conhecido como o sanguinário *Átila del sur* e Villa, a partir de meados do ano 1915, já era o temido bandido buscado por 2.000 soldados do exército estadunidense de Woodrow Wilson, com a colaboração do líder e autoridade máxima da revolução neste momento: Venustiano Carranza.

político durante o Porfiriato, obtiveram um novo status e prestígio social. Muitos que se lançaram à revolução como simples soldados camponeses haviam ascendido ao grau de coronéis ou generais no decorrer da guerra. Essa recomposição social se explicava mediante aquilo que se considerava como “derechos propios legítimamente adquiridos por (la) participación en la lucha armada”.⁷

Contudo, as classes e os grupos sociais que realmente detinham o poder de mando nesta nova ordem revolucionária ainda eram as altas classes urbanas que, de alguma forma, estiveram excluídas do poder político no Porfiriato (Florescano, 2005). Claro está que o projeto político destas, fundamentado nos princípios de uma democracia liberal moderna e laica, estava bem distante daquele que seria o ideal de *Tierra y Libertad* do exército insurgente de Zapata, assim como das reivindicações das classes médias e populares do numeroso exército de Villa.

Assim, diante de tal comoção em torno ao popular, o Estado revolucionário não hesitou em tornar seu o discurso zapatista e *villista*. Uma vez em que estes líderes foram assassinados⁸ e deixaram de representar uma ameaça real à hegemonia do novo Estado, este se apropriou e se embebedou daquilo que aparecia de mais legítimo no imaginário revolucionário nacional: a emergência das camadas populares – e de suas respectivas reivindicações históricas – como os heróis da revolução e os novos protagonistas da história mexicana.

O indígena fetichizado

A partir do início do botim revolucionário em novembro de 1910, uma nova geração de artistas e intelectuais, inflamados por um nacionalismo sensível às demandas populares da

⁷ Esta ascensão social obedecia a uma lógica corporativista e patrimonialista que reconhecia no Estado e no Presidente da República a imagem suprema da revolução. O poder novamente se centralizava nas mãos de uma nova burocracia política que, entretanto, “democratizava” o acesso às redes de poder a partir, sobretudo, das novas alianças políticas constituídas no decorrer do período armado. Dentro desta lógica, os benefícios corporativos e individuais adquiridos na batalha revolucionária se articulavam sob a fórmula popular do “Según el sapo es la pedrada” ou “El que tiene más saliva traga más pinole”, isto é, uma distribuição de poderes pautada nos “culhões”, na autoridade, no respeito e prestígio popular pessoal que cada qual havia adquirido ao longo da revolução armada (Batalla, 2009:162-163).

⁸ Zapata foi assassinado em uma emboscada armada por Carranza e levada a cabo por Jesús Guajardo em 10 de abril de 1919, na fazenda de *Chinameca*, em seu estado natural de Morelos. Villa, igualmente em uma emboscada, foi assassinado na tarde de 20 de julho de 1923 quando se dirigia a uma festa familiar. Diante da conspiração *De la huertista*, que se deu no final do governo de Obregón e que pretendia derrubar a aliança sonorenses entre Obregón e Calles, colocando De la Huerta como o novo mandatário presidencial, a facção de Sonora temeu que o velho chefe do extinto exército da Divisão do Norte voltasse a se rebelar em armas e decidiu assassiná-lo em uma emboscada, assim como Carranza havia feito com Zapata.

revolução, consagrava essa proeminência popular através da ideia de que esses novos personagens históricos por fim revelavam e devolviam à nação sua “essência”, sua verdadeira razão de ser e existir na história. A legitimidade da figura do popular estava ostentada numa ideia de que eles seriam o guardião histórico dos segredos e mistérios da nação mexicana, portadores de uma memória viva e intacta que se remetia à antiguidade indígena do país.

Artistas como o músico Manuel M. Ponce (que começou a fundir melodias populares com a música culta, advindo daí as famosas *Rapsódias Mexicanas*), o pintor Saturnino Herrán (famoso por pintar os vulcões mexicanos para construir assim uma paisagem nacional), o escritor López Velarde (que retratava os aspectos de uma pátria íntima e provinciana, a vida e os costumes da vida no interior do país), o próprio Mariano Azuela (através da reconstrução do cotidiano das camadas populares que participaram na revolução), etc., começaram a dar sinais de descontentamento com os rumos que tomava a arte e a literatura nacional (Florescano, 2005).

Dentro desse imaginário nacionalista, o indígena também era recolocado em cena. À diferença do nacionalismo indigenista do Porfiriato, que exaltava um índio inerte e enterrado nos porões de um passado longínquo e sepultado, o nacionalismo revolucionário situava o indígena na ordem do dia. Através da figura do camponês, o indígena, agora, podia falar. O camponês era parte de uma entidade sacralizada que dava vida a essa antiguidade remota, a esse tempo de outrora até então confinado às margens do progresso histórico. O passado indígena pré-hispânico se impunha, assim, como um fenômeno contemporâneo ao homem da revolução. Ele já não era mais o princípio deslocado da história, ele era agora o cerne constitutivo da própria história, princípio e fim, aquilo que foi e deverá ser.

O lugar reservado ao indígena, no entanto, não era menos cruel do que aquele forjado pelos intelectuais do Porfiriato. Segundo a historiadora mexicana Itzel A. Rodriguez Mortellaro (2009), o indígena do tempo revolucionário ainda era compreendido a partir de um viés que o situava novamente para fora da história. A ideia de uma memória viva e intacta no tempo presente, conectada diretamente com uma antiguidade pré-hispânica e que revelava, conseqüentemente, a essência da “mexicanidade”, continuava ostentando uma concepção pejorativa acerca do índio. Por mais que o regime revolucionário houvesse edificado outra identidade para o passado indígena pré-hispânico, o indígena forjado pela revolução ainda era visto como um “ser eterno”, inalterável e fixo no tempo; isto é, uma espécie de entidade metafísica e a-histórica, incapacitada de interagir com outras sociedades humanas e transformar-se ao desenrolar da história.

É comum olhar para o México como um lugar onde o tempo não passou, ou onde o tempo ficou detido em uma encruzilhada, impossibilitado de mover-se e evoluir na direção da modernidade ocidental. Era como se o tempo houvesse parado. Foi preciso vir o regime revolucionário para capturá-lo, arrancá-lo de sua inércia e colocá-lo em órbita novamente. Agora, uma vez associado ao camponês, o indígena podia retomar a sua caminhada novamente. Mas seu protagonismo nunca poderia ser concretizado. Ele evidenciava as fissuras e fragmentos de um projeto que lutava para constituir-se como uno e homogêneo.

Como vimos com Azuela, o ponto de vista do camponês era incompatível com o do intelectual urbano. Ele nos revelava um mundo em constante pugna e oposição, um ponto de atrito, de não comunicação. O ideal harmônico e apaziguador que os colocavam como camaradas revolucionários era fruto de uma estrutura de forças desiguais, na qual o homem pertencente ao universo rural estava sempre subordinado. A exaltação do camponês, e o papel portentoso atribuído a ele no decorrer da luta armada, refletia, em verdade, as aspirações do mundo burguês de dominá-lo e inseri-lo em um arcabouço teórico que lhe fugia à compreensão. Tratava-se de produzir e incorporar um camponês dócil e domesticado, o que trazia consigo o indígena fetichizado, que legitimava a construção daquele ideal revolucionário pelo qual lutou fanaticamente Luis Cervantes.

Por isso, tanto o índio quanto o camponês partícipes da quimera revolucionária eram parte de um mundo fabricado e imaginário em essência. Assim como feito com os antigos inimigos da “sagrada causa da revolução”, construiu-se com eles uma falsa rede de camaradagem horizontal. O outro estava convidado a falar, mas sua fala estava destituída dos meios que possibilitariam sua realização. Assim, do mesmo modo como era para Demetrio Macias, que possuía seu porta voz em Luis Cervantes, era preciso que alguém autorizado falasse por ele.⁹

Dessa maneira, uma vez associado ao elemento indígena, a importância conferida ao camponês era parte de um arcabouço conceitual que propiciava substância teórica ao projeto nacional revolucionário. Tanto os camponeses quanto os indígenas – os diversos grupos étnicos de carne e osso que viveram no período revolucionário – não possuíam nenhuma participação efetiva nas novas redes de poder criadas com a revolução. O subalterno reaparecia em cena como fetiche histórico, sua presença podia ser concebida somente e

⁹ Aquí nos valemos das reflexões realizadas por Gayatri Spivak em seu célebre livro *Pode o subalterno falar?* (2010).

quando ela não colocasse em perigo a correlação de forças estipulada pela nova ordem burguesa revolucionária. Seu lugar, na prática, continuava sendo o de sua invisibilidade.

Considerações finais

Ainda que a participação de outros grupos no processo armado fora reconhecida, a tensão e os conflitos que existiam entre eles era eliminada, forjando-se, subsequentemente, um imaginário maniqueísta que opunha mocinhos de um lado e bandidos de outro: revolucionários e conservadores. Houve um grande esforço em silenciar e ocultar as relações de força e poder que estiveram presentes entre os próprios revolucionários, suprimindo as perspectivas diferenciadas e digladiantes, inerentes ao transcurso da revolução, de justiça histórica e ideal nacional. Admitia-se a presença do outro, mas não seu protagonismo; ou melhor, ele era aceito desde que não punha em xeque a supremacia da facção que, supostamente, melhor encarnava a “essência” da luta armada. Os camponeses de *Los de Abajo* nos deixam aqui um ótimo exemplo.

Foi o que o historiador Álvaro Matute (2010:19) chamou de “la revolución inventada”: o Estado mexicano passou a se identificar como o supremo sacerdote da revolução, “como la Iglesia revolucionaria, con el presidente de la República como sumo sacerdote. A partir del proceso se decide qué es y qué no es revolucionario”. O Estado que nascia dos escombros do conflito armado projetava-se na história mexicana como o ponto culminante de sua realização, o produto precioso criado pela revolução. A efetivação do novo Estado mexicano se ancorava na ideia de que ele representava a continuidade do processo revolucionário, a inauguração de uma nova etapa da revolução, na qual a luta política deveria estar mediada por leis e instituições, e não mais pelas armas. O Estado possuía, assim, o monopólio legítimo do período das balas. Tudo o que estava para fora dele estava condenado a perecer; somente com o Estado a revolução prometia realizar-se em sua plenitude. Dessa forma, o Estado se convertia na própria revolução e a coisificava; ele criava e se utilizava dos aparatos discursivos disponíveis à época para corroborar o binômio: Estado-Revolução.

Um novo grupo de intelectuais se agregava em torno ao Estado revolucionário para respaldá-lo como a expressão *sui generis* do processo armado. O discurso pictórico muralista, a fotografia, a literatura e o cinema revolucionários, todos eles estavam comprometidos, de alguma forma, com a orientação ideológica oficial. Tratava-se de explicar a história e o fervor recente do período em armas em uma perspectiva que reunificasse a nação dentro das novas

prerrogativas surgidas no contexto da guerra revolucionária. Dava-se corpo, assim, à ideia – fundamental ao imaginário nacionalista revolucionário – de que com a revolução nascia um novo homem e uma nova nação: “el mexicano autentico y original”.

Para tanto, o regime revolucionário lançava outro olhar ao passado indígena pré-hispânico. Como vimos, era colocada em cena uma perspectiva teórica que ressuscitava o indígena dos confins desta antiguidade para situá-lo no contexto histórico da revolução. A partir de então, este passado indígena aparecia como aquilo que a nação mexicana havia de mais legítimo em sua história. Reencontrar-se com ele era como revelar o “verdadeiro México” que, por cinco séculos, havia permanecido submerso às fórmulas europeizadas que o asfixiavam; era a consumação de uma justiça histórica secular negada pelos consecutivos governos que se alteraram ao longo da história do país. Por isso, a fundação do Estado e da nação revolucionária se pautava também em um movimento de retorno e glorificação deste passado.

O passado vinha à tona como uma forma de se incorporar os grupos indígenas ao interior da nova ordem nacional. Os autóctones reapareciam em cena justamente porque eles se associavam a uma antiguidade que, aos olhos da revolução, não havia desaparecido por completo; pelo contrário, ela estava ali, intacta, esperando que alguém a descobrisse e a revelasse. Através da figura do camponês, o indígena, até então parte apenas do passado, voltava a habitar o presente da história. No entanto, para pôr em marcha o programa revolucionário era preciso que esse tempo presente passado se extinguisse para dar vazão às promessas tentadoras do futuro da modernidade ocidental. Aí residia os interesses em torno ao índio: incorporá-lo à nação para transformá-lo em alguma outra coisa que já não fosse ele mesmo. Assim como os camponeses de Azuela, os aborígenes deviam abdicar de sua identidade étnica-cultural para formar, com as elites brancas revolucionárias, uma massa homogênea e esbranquiçada, sintonizada às premissas estéticas/culturais do mundo estadunidense e europeu.

Desse modo, os grupos dominantes insistiam em atribuir aos subalternos um sentido de irmandade coletiva, de unidade nacional. As elites mexicanas revolucionárias se deram conta de que não mais podiam ignorar a presença desse outro mexicano. O processo revolucionário deixava muito claro a dependência do Estado mexicano em relação aos grupos tradicionalmente explorados pelo próprio Estado nacional, afinal de contas, os revolucionários haviam se levantado a favor de uma nova ordem social em que a tirania e a opressão deveriam ser extirpadas definitivamente da vida política do país. Assim, é este outro quem dará

substância teórica e legitimidade ao projeto político/identitário que toma forma com a revolução. Não podia haver uma nação autenticamente revolucionária que negligenciasse o “heroísmo” e a participação dos setores mais oprimidos e marginalizados da sociedade mexicana.

Não obstante, longe de reificar a tão querida homogeneidade reivindicada pela causa revolucionária, os insurgentes que habitam o romance de Azuela expressam uma contradição incompatível que a impossibilitam de concretizar-se. Eles expressam uma ruptura com as expectativas criadas em torno deles pelas classes médias urbanas, uma discrepância que nunca foi eliminada. Por mais que o ideal revolucionário de Cervantes tentasse anular as diferenças que rondavam os personagens da novela, suprimindo a assimetria existente entre eles, elas continuavam a delinear o enredo da história. A alteridade era, pois, um osso duro de roer; ela revelava, no final das contas, aquilo que havia de mais temível e horripilante entre os camponeses revolucionários: a não educação, a soberba, a falta de ética e escrúpulos.

A solidariedade forjada por Cervantes era frágil e quebradiça. Por mais que os pobres e subalternos compartilhassem da perspectiva hegemônica, imposta por aqueles que possuíam mais poder, eles se apropriavam da história e dos bens nacionais a partir de seus próprios parâmetros e referenciais históricos. O discurso hegemônico forja uma solidariedade que está cheio de lacunas. O Estado procura cooptar as massas desprivilegiadas, mas há grandes limites e barreiras para o alcance efetivo de seus tentáculos. Demetrio nunca se convence inteiramente de que seu papel na revolução é aquele apresentado por Cervantes. O camponês vê com entusiasmo seus discursos prolíficos; aprecia a forma como o jornalista articula as palavras e se sente lisonjeado quando ele lhe exalta e lhe faz elogios. Demetrio chega até mesmo, em alguns instantes, a flertar com as palavras do médico jornalista; mas o poder de encantamento dura pouco. Diferentemente da novela cervantina, Demetrio Macias não se converteu em um Sancho Panza, que, como ocorre no romance espanhol, adere ao mundo imaginário de Dom Quixote de la Mancha na segunda parte da história. Em contraste com Luis Cervantes, Demetrio sempre teve um senso de realidade muito aguçado; nunca esteve convicto, de fato, de que a revolução podia pôr um fim ao secular abismo social que os separavam entre si; no final das contas, para o líder camponês, prevaleceu sempre a dúvida, a desconfiança, a hesitação.

A novela de Azuela se encerra com um final trágico e pessimista. Como dito anteriormente, ao fim da revolução, o inabalável sonho redentor de Cervantes também chega a seu desfecho final. Ele abandona o país e se retira no estado de Texas, Estados Unidos, e os

homens de Demetrio Macias, detidos pelas balas das tropas carrancistas, caem mortos, um após o outro. No lugar do sonho redentor aparecia a realidade nua e crua. Os moinhos de vento deixavam de ser gigantes temíveis e voltavam a ser meros moinhos. No final das contas, o imperativo da realidade falou mais alto. Cada qual voltou a seu lugar de origem e os ideais sedutores de Cervantes nunca se transformaram em realidade.

Mariano Azuela nos deixa como legado a perspectiva de um duelo em aberto, uma contradição viva e latente entre o mundo burguês e aquele rural. Não existe entre os revolucionários uma solidariedade orgânica e natural que os reuniria como companheiros em torno de uma causa em comum. Pelo contrário, paira entre eles uma incongruência, uma não identidade, a impossibilidade de se chegar a um acordo que pusesse fim às suas diferenças de classe e identidade cultural. Eles trazem à tona um mundo em constante pugna e conflito, uma fissura no interior da ordem homogeneizante forjada pelas elites mexicanas revolucionárias.

A concepção histórica por detrás do Estado revolucionário, assim como os movimentos artísticos e intelectuais que lhe conferiram prestígio e autoridade, era como o sonho mítico de Cervantes, ela não chega nunca a se concretizar. A desigualdade de poder reinante entre os diversos grupos socioculturais mexicanos não desaparece do horizonte. Os camponeses são exaltados como os novos heróis da história e da Pátria mexicana, mas continuam às margens dos espaços de poder que se criam ao fim da revolução. Ao mesmo tempo, o indígena e o camponês que se incorporam à nação são destituídos das práticas e valores que os constituem como tais. Assim como o ideal quixotesco de Luis Cervantes, eles existem apenas na ordem do discurso e do imaginário. Em contrapartida, o camponês vivo e real, esse homem débil e ignorante, feito de carne e de sangue, estava longe de gozar das prerrogativas conferidas ao camponês mítico e revolucionário. A ele estava destinado o mesmo fim asfixiante com que Azuela encerra seu romance literário.

Referências bibliográficas

AZUELA, Mariano. *Los de Abajo*. México: DF, Fondo de Cultura Económica, 1976.

BATALLA, Guillermo Bonfil. Segunda Parte. Cap. IV. Los (Revolucionados) tiempos modernos In: *México Profundo. Una civilización negada*. México: DF, S.A. de C.V., 2009.

BENJAMIN, Thomas. *La revolución mexicana. Memoria, mito e historia*. Trad. De María Helena Madrigal. México: DF, Taurus, 2003.

CHÁVEZ, Alicia Hernández. La Revolución in *México: Una breve historia. Del mundo indígena al siglo XX*. México, FCE, 2002. Págs. 302-349.

COCKCROFT, James D. *Precursores intelectuales de La revolución*. México: Siglo XXI, 1978.

DE LA CUEVA, Alicia Azuela. Palacio, Guillermo. (coordinadores). Mortellaro, Itzel A. Rodríguez. El eterno indígena. Actualidad y presencia del pasado prehispánico en la representación del México revolucionario *In: La mirada mirada: transculturalidad e imaginarios del México revolucionario, 1910-1945*. 1º ed. México: DF, El Colegio de México, 2009. Págs. 137-152.

FANON, Franz. Sobre a Cultura Nacional In: *Os Condenados da Terra*. Rio de Janeiro, Civilização brasileira, 1968. Págs. 169-196.

FLORESCANO, Enrique. (comp.) El relato histórico acuñado por el Estado posrevolucionario In: *Historia de las historias de la nación mexicana*. México: Taurus, 2002. Págs. 375-423.

_____. Las ideas de Patria y nación en la Revolución de 1910-1917, El Nacionalismo del Estado posrevolucionario, 1934-1960 In: *Imágenes de la patria*. México: DF, Taurus, 2005.

GARCIADIEGO, Javier. Introducción. La Revolución Mexicana: Una aproximación sociohistórica In: *La Revolución Mexicana. Crónicas, Documentos, Planes y testimonios*. México: DF, Coordinación de Humanidades, UNAM, 2008. Págs. XIII-XCII.

GONZALES, Manuel Ramírez. Plan de San Luis de Potosí In: *Planes políticos*. México: Fondo de Cultura Económica, 1954.

MATUTE, Álvaro. Introducción: La Revolución recordada, inventada, rescatada In: *La Revolución Mexicana: Actores, escenarios y acciones. Vida cultural y política, 1901-1929*. México: DF, Océano de México, 2010.

ROBERT, E. Quirk. Liberales y radicales en la revolución mexicana In: *Historia Mexicana*. Vol. II, núm. 4. México: El Colegio de México, 1953.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: UFMG, 2010.